

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação.
Permitida a cópia xerox. A citação deve ser textual, com indicação
de fonte conforme abaixo.

CARNEIRO, Trajano Bruno de Berredo. *Trajano Carneiro*
(*depoimento, 1993*). Rio de Janeiro, CPDOC, 2005. 42 p. dat.

TRAJANO CARNEIRO
(depoimento, 1993)

Ficha Técnica

tipo de entrevista: temática

entrevistador(es): Celso Castro; Mônica Kornis

levantamento de dados: Celso Castro; Monica Kornis

pesquisa e elaboração do roteiro: Celso Castro; Monica Kornis

sumário: Equipe

conferência da transcrição: Ignez Cordeiro de Farias

copidesque: Equipe

técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes

local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil

data: 30/09/1993

duração: 2h 10min

fitas cassete: 03

páginas: 42

Entrevista realizada no contexto da pesquisa "Trajetória e Desempenho das Elites Políticas Brasileiras", parte integrante do projeto institucional do Programa de História Oral do CPDOC, em vigência desde sua criação, em 1975.

temas: Igreja Positivista, Positivismo, Trajano Bruno de Berredo Carneiro

Sumário

Entrevista: 30.09.1993

Fita 1-A: Origens familiares; as origens positivistas; a conversão do pai ao positivismo; a infância positivista; a vida social na época; os cursos sobre o positivismo; menção à preocupação social presente na educação positivista; o ingresso do entrevistado no Banco do Brasil (1927); o aspecto religioso do positivismo, na infância; comentários sobre Teixeira Mendes e sobre Miguel Lemos; breve comentário sobre a cisão na igreja positivista; o convívio da juventude com Teixeira Mendes; o convívio social dos positivistas com Teixeira Mendes; os prejuízos da ortodoxia de Teixeira Mendes para o crescimento do positivismo no Brasil; a participação de militares na igreja positivista.

Fita 1-B: A participação de militares na igreja positivista (continuação); a influência do positivismo na República; a questão do proletariado no pensamento positivista; comentários sobre a igreja positivista: a sucessão a Teixeira Mendes, a cisão na igreja, a dedicação dos jovens, o rigor das normas e as restrições de comportamento impostas a seus membros; o trabalho do irmão do entrevistado em Paris, na casa de Augusto Comte, e a reação dos positivistas, no Brasil; novos comentários sobre a sucessão a Teixeira Mendes na igreja positivista; o rompimento da família do entrevistado com a igreja positivista.

Fita 2-A: A natureza da Associação proprietária da casa de Augusto Comte; a importância da casa de Comte; comentários sobre as tentativas de golpe na Associação, empreendidas por positivistas franceses; o trabalho do irmão do entrevistado na casa de Comte; as razões da recusa do entrevistado pela propaganda religiosa do positivismo; o interesse mundial pela obra de Comte; observações sobre a proliferação das seitas religiosas; caracterização do casamento do entrevistado; considerações sobre a religião; comentários sobre o clube positivista.

Fita 2-B: Comentários sobre o clube positivista (continuação); observações sobre o caráter político do positivismo, no Brasil; a morte de Teixeira Mendes; os centros positivistas pelo Brasil; o trabalho do entrevistado no Banco do Brasil.

Fita 3-A: A necessidade do mundo de ser guiado por uma doutrina, segundo o entrevistado; as articulações pela comemoração do bicentenário do nascimento de Comte.

Entrevista: 30.09.1993

C.C. - Doutor Trajano, vamos começar falando da sua infância. O senhor nasceu em uma família já positivista, não foi?

T.C. - Sim, eu nasci em uma família positivista. O casamento de meus pais foi o primeiro realizado na Igreja Positivista do Brasil. Foi Teixeira Mendes¹ quem fez a cerimônia. Houve na época uma grande repercussão, porque foi o primeiro casamento positivista. Segundo a crônica de um poeta e escritor, Ari Pandeira, havia mais de mil pessoas assistindo à cerimônia. De modo que nós todos viemos de uma família positivista. Meu pai, desde cedo, com a agitação da libertação dos escravos e da República, e influenciado pelas idéias que dominavam a mocidade da época, de repente travou conhecimento com o positivismo e em seguida apaixonou-se pelo positivismo e passou toda a vida a ele dedicado no campo de vista público e social.

C.C. - O senhor podia falar um pouco sobre seu pai?

T.C. - Meu pai era um jovem que se destinava à Faculdade de Medicina, quando seu pai adoeceu gravemente e ele teve que trabalhar para sustentar a família, a mãe e sete irmãos. Houve um concurso para o Ministério da Marinha, ele fez o concurso, tirou primeiro lugar, foi nomeado. Um dos concorrentes era inclusive o filho do ministro da Marinha da época; naquele tempo, respeitava-se bem o resultados das provas e dos concursos. Meu pai trabalhou durante dez anos no Ministério da Marinha. Passou depois para o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, onde fez toda a sua carreira, muito trabalhosa. Era uma área muito abrangente: ia desde a Escola de Minas de Ouro Preto até uma série de órgãos e repartições sediados no Rio, como o Museu Nacional. De modo que foi uma vida muito rica de trabalho. Dedicou-se, sobretudo, em um determinado momento, ao Serviço de Proteção aos Índios. Foi ele, com Sérgio de Carvalho, o inspirador da fórmula republicana com que foi criado o Serviço de Proteção aos Índios pelo governo Nilo Peçanha, sendo Rodolfo Miranda o ministro da Agricultura.

¹ Raimundo Teixeira Mendes (1855-1927), positivista, autor da Bandeira Nacional Republicana.

Aqui é um retrato de meu pai, que foi um homem considerado por vários presidentes da República funcionário número um da República. Papai faleceu em 1946, muito moço. Levou uma vida de trabalho, 14 a 16 horas por dia. Nunca soube o que era ir ao cinema, ir ao teatro, sua vida era trabalhar. Era uma espécie de conselheiro do Ministério de Agricultura, Indústria e Comércio, todos os chefes de serviço que tinham problemas recorriam a ele. De modo que levou uma vida muito sedentária. Trabalhou 42 anos, quando parou de repente, foi fatal. Aqui está uma fotografia feita na associação. Eram todos mais velhos. Alguns mais moços do que outros, mas a gente não se dá conta do tempo que passa. Um homem com a idade que eu tenho hoje era considerado um velho. Mas a gente não se considera um velho. [riso]

C.C. - Seus avós já eram também positivistas?

T.C. - Minha avó paterna tornou-se positivista através de meu pai. Toda a família tornou-se positivista depois que meu pai aderiu ao grupo positivista. Minha avó tinha já 54 anos, era casada com um senhor católico, mas não hesitou em abandonar o catolicismo e dedicar-se ao positivismo. Ela era a decana das positivistas brasileiras, dona Luísa Horta Barbosa de Carneiro. Minha avó era filha do conselheiro Luís Antônio Barbosa, homem do Império, que morreu muito jovem, aos 44 anos, já tendo sido ministro da Justiça, presidente do estado do Rio de Janeiro, presidente de Minas Gerais. Minha avó nasceu em Ouro Preto. Meu bisavô era o presidente de Minas, mas o palácio estava em obras. Eles então mudaram-se para a Casa dos Contos, e aí nasceu minha avó, que teve uma vida muito rica de dedicação à família, aos filhos, aos netos. Uma senhora de grande valor.

C.C. - Seu avô também se converteu?

T.C. - Meu avô não se converteu, ficou sempre católico. Ele era muito religioso.

C.C. - Como se deu a conversão de seu pai? Ele teve contato com algum grupo?

T.C. - Meu pai teve contato com companheiros de trabalho, companheiros de estudo, companheiros de propaganda republicana, e de repente foi convidado, por um deles, a assistir uma conferência de Teixeira Mendes na Igreja Positivista. Ficou seduzido. Teixeira Mendes era um homem de uma cultura geral extraordinária, jovem ardoroso, talvez demasiadamente rigoroso para quem quer criar um grande grupo, mas de uma inteligência extraordinária e de um poder de sedução enorme. Meu pai desde o primeiro contato com a Igreja jamais deixou de a ela ficar ligado, durante muitos anos.

C.C. - Os irmãos de seu pai também se converteram?

T.C. - Todos os meus tios seguiram o exemplo de meu pai, menos o caçulinha, que era muito moço ainda e foi para a Europa, de modo que não sofreu muita influência do positivismo, esse não era positivista. Mas todos os outros eram: meu pai, Mário, os irmãos Horácio, Alfredo, Sílvio e Heloísa. Todos se tornaram positivistas. E vários primos, todos aderiram ao positivismo também por influência dele. Nós todos nascemos já no seio positivista, tivemos a nossa educação baseada naquele ambiente todo positivista.

C.C. - O senhor disse que o primeiro casamento na Igreja Positivista foi o de seus pais.

T.C. - Aqui no Brasil foi o primeiro casamento religioso. Foi a 2 de agosto de 1900. O primeiro filho nasceu em 1901, Paulo. Paulo Carneiro foi mais tarde embaixador na Unesco, professor. Fez nesta FGV uma bela conferência sobre a Unesco, num determinado momento. Nós éramos três homens e uma moça. Hoje somos dois: eu, que já sou mais velho e era o terceiro, e minha irmã, que é viúva de Ivan Lins, escritor membro da Academia Brasileira de Letras. Ivan Lins foi um grande historiador do positivismo no Brasil. A melhor obra que há sobre o positivismo no Brasil é dele, *História do Positivismo no Brasil*². Meu outro irmão nasceu em 1903, houve um que morreu pequenino, eu nasci em 1908 e minha irmã em 1911.

² LINS, Ivan Monteiro de Barros. *História do Positivismo no Brasil*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1964.

Nasci na rua Benjamin Constant, na mesma rua da igreja, numa pequena casa que ainda está lá, de número 119. Teixeira Mendes morava em frente. Eram velhos casarões, numa casa morava Miguel Lemos³ e na outra, ao lado, Teixeira Mendes.

C.C. - Havia outros positivistas morando na rua Benjamin Constant?

³ Miguel Lemos (1854-1917), fundador da Igreja Positivista do Brasil.

T.C. - Havia Ernesto Outeiro, um engenheiro do Rio Grande, um homem rico e que deu uma grande ajuda financeira para a construção do Templo da Humanidade. [inaudível] Pinto também morava na rua Benjamin Constant. Havia um grupo que foi, por acaso alguns e outros por preferência, se instalando ao redor do templo. O convívio era muito agradável.

C.C. - Até quando o senhor morou na rua Benjamin Constant ?

T.C. - Até 1915. Depois moramos em Botafogo, na Tijuca, na Gávea...

C.C. - Como foi sua infância positivista? O senhor freqüentava a Igreja desde muito pequeno?

T.C. - Desde muito pequeno. Nos habituamos desde cedo a acompanhar as reuniões na Igreja, que se realizavam todo domingo. Teixeira Mendes realizava, ao meio-dia, a conferência, que durava, pelo menos, três horas. E, às vezes, quatro. Ninguém saía da Igreja.

As crianças também assistiam, e nas festas cívicas distribuía flores. Distribuí muitas flores, carregando cestinhas de rosas, depois da cerimônia. Como hoje a Igreja Católica pede esmola, no saquinho, nós levávamos a cesta de flores. Cada um distribuía entre os presentes uma flor como sinal de simpatia e de esperança. Era muito simpático. Era um meio social muito agradável, porque os jovens se encontravam, se namoravam; se casaram, muitos. Era muito simpático.

C.C. - Namoravam com pessoas também positivistas?

T.C. - Sim, com filhos de positivistas. Havia encontros, havia uma festividade enorme. Saíam aos grupos nos domingos, iam numa sorveteria que havia na praça Floriano Peixoto, outros alugavam um automóvel – o que era muito comum naquela ocasião, ninguém tinha automóvel, todos eram pobres – mas se juntavam uns três, quatro, as namoradas e as amigas em outro carro, íamos até o Joá, tomávamos um chá, voltávamos... Era uma juventude simpática.

C.C. - Havia alguma atividade especial para as crianças, na Igreja?

T.C. - Houve sempre cursos na própria Igreja, no próprio Templo da Humanidade. No porão havia uma sala em que se davam cursos de filosofia e de ciências. Várias ciências foram lecionadas, eu mesmo fiz meus cursos de filosofia e científico através da Igreja Positivista do Brasil. A não ser o colégio primário, nesse curso que se chamava secundário antigamente, toda a minha formação de cultura filosófica e científica foi feita através de cursos dados na Igreja Positivista.

C.C. - Era o próprio Teixeira Mendes quem dava os cursos?

T.C. - Não, eram outras pessoas: Luís Bueno Horta Barbosa, um engenheiro militar de conhecimento científico; Luís Hildebrando Horta Barbosa e, mais tarde, o filho dele, Silveira Souto. Uma série de professores de grande cultura, entusiasmo e desejo de ilustrar a juventude. Alguns adultos também assistiam e repetiam os cursos, tão agradáveis eram eles. Houve um momento em que Teixeira Mendes também deu uns cursos, mas eu não era nascido ainda.

C.C. - Qual a duração desses cursos?

T.C. - Duravam um ano inteiro, e iam se repetindo e se prolongando. No ano seguinte continuavam os cursos, num estágio já mais avançado. Era muito movimentado.

C.C. - Como era o dia-a-dia de criança em uma família positivista? Era diferente?

T.C. - Não, não era. Não tinha diferença. Criança é sempre criança, sempre levada, sempre... Mas uma criança que se habituou a conviver com os adultos muito cedo. Talvez esta tenha sido a diferença maior entre meninos positivistas e as crianças comuns. Nós assistíamos, por exemplo, a conferências de três horas. Sentadinhos na poltrona. Às vezes dávamos uma escapulida,

descíamos uma escadinha lá do templo, íamos passear no jardim com outros meninos da mesma idade. A pretexto de ir ao *toilete* dávamos uma brincadazinha no jardim.

No mais era uma vida normal. Os pais eram tolerantes, mas acompanhavam muito a educação dos filhos, com a preocupação de imprimir preceitos de ordem moral e de ordem social. Houve sempre uma preocupação nos positivistas de encaminharem os filhos com a preocupação social, de ver o outro que sofre, de sentir a necessidade do outro. Na educação positivista está previsto que os homens, quaisquer que fossem as profissões que seguissem mais tarde, deviam ter um período prático de atividade de operário.

Paulo, meu irmão, trabalhou um período de um ano, aproximadamente, como ferreiro nas oficinas de Trajano de Medeiros no Engenho de Dentro. Era uma grande empresa que construía os vagões de estrada de ferro que a Central e a Leopoldina compravam. Para quê isso? Para ter um contato com o operariado, sentir suas necessidades, inspirar-se para um dia cuidar desse operariado. Foi o que o Paulo, por exemplo, fez mais tarde, quando, secretário da Agricultura de Pernambuco, dedicou-se muito a melhorar a vida daqueles pobres homens dos mocambos pernambucanos, com interferência na Câmara de Pernambuco – naquele tempo os secretários tinham acesso à Câmara – exigindo medidas de amparo ao trabalhador, dando-lhes alimentos, dando-lhes terra para plantar. Isso tudo, influência que veio realmente da educação positivista.

C.C. - O senhor também teve uma experiência desse tipo?

T.C. - Não, mas fui cedo para o Banco do Brasil e sempre me preocupei com os outros. Trabalhei 50 anos no Banco do Brasil, depois fui chamado para ocupar um alto posto em uma empresa que eles tinham fundado. Trabalhei, portanto, 52 anos no Banco do Brasil e sempre tive a preocupação de os meus funcionários se tornarem meus amigos e de comungarmos todos no sentido de devoção à casa, com espírito público e com entusiasmo.

C.C. - Em que ano o senhor entrou no Banco?

T.C. - Entrei no Banco em 1927. Eu pensava em entrar para a Escola de Medicina, quando de repente veio o concurso do Banco do Brasil e vários me disseram: “Ah, é uma boa carreira,

porque você não entra?” Eu fiz o concurso, passei, tive que esperar uns meses porque não tinha completado ainda 18 anos e havia exigência de só se tomar posse com 18 anos. Então, em 1927, com 18 anos, assumi minha primeira função no Banco do Brasil e me aposentei com 50 anos e quatro meses de trabalho, como um dos diretores da agência do Banco do Brasil em Paris.

C.C. - Como era o aspecto religioso do positivismo na sua infância? O senhor teve sacramentos positivistas, apresentação ao templo...

T.C. - Sim. O primeiro sacramento era o da apresentação, que corresponde ao sacramento do batismo. Todos nós passávamos por ele. Tenho uma medalhazinha de prata, com meu nome escrito, que recebi no momento da apresentação. Havia uma solenidade, na qual quem fazia a pregação recebia o jovem e destinava-o ao serviço da Humanidade. A preocupação era essa: apresentar a criança pequena ainda, antes dos sete anos, e oferecê-la ao serviço da Humanidade.

Era uma mocidade sadia. Eu acho aliás que a mocidade é sadia, os que não são sadios são poucos. Eu convivi muito com os jovens, tenho já 85 anos, vou caminhando para os 86, mas tenho um prazer enorme em conviver com os jovens e faço questão de manter contato com moças e rapazes que trabalharam comigo, mantenho um espírito de colaboração e de fraternização com eles. Tem dois grupos com que eu almoço todo dia, que foram colegas, funcionários meus. Nós procuramos sempre desenvolver esse aspecto de identidade, de preocupação, de interesse comum de servir.

C.C. - O senhor conheceu também Miguel Lemos?

T.C. - Conheci, mas eu era muito criança, porque nasci em 1908 e Miguel Lemos morreu em 1917, eu tinha nove anos quando ele morreu. Fui muitas vezes na casa dele, ao lado da de Teixeira Mendes. Um morava no número 120 e o outro no 118. Eram vizinhos. Miguel Lemos não tinha boa saúde, de modo que era um homem que se recolheu muito cedo à vida privada, em casa. Morreu moço. Mas todos os positivistas visitavam Miguel Lemos com certa frequência. Era um hábito aos domingos, depois das conferências, irmos à casa de Miguel Lemos. As crianças

acompanhavam muito os adultos, naquela época, o que não se dá hoje. As crianças hoje são muito independentes. Naquele tempo eram mais dependentes da vida de família.

C.C. - Teixeira Mendes freqüentava as casas de todas essas famílias que moravam na rua Benjamin Constant?

T.C. - Frequentava, sim. Havia um dia por semana em que Teixeira Mendes recebia em casa os positivistas. Meu pai, por exemplo, conheceu minha mãe numa visita à casa de Teixeira Mendes, onde ela estava hospedada, vinda do Maranhão. Foi aí que se travou o primeiro contato.

C.C. - Miguel Lemos participava dos cultos?

T.C. - Não, Miguel Lemos não participava dos cultos. Era um homem respeitável, simpático, de um temperamento brando, ao passo que Teixeira Mendes era mais vibrante, mais enérgico. Um homem respeitado, mas um homem de combate. Lemos era um homem mais pacificador. Embora muito jovens, por motivos de... um excesso talvez de... nem sei como explicar direito porque... de repente insurgiram-se contra Laffite, que foi o presidente dos testamentários de Augusto Comte e seu primeiro discípulo. Tiveram divergências com a atuação de Laffite em Paris e de repente romperam, houve um rompimento completo da Igreja Positivista do Brasil com o grupo francês. Por motivos que naquela ocasião pareciam importantes, mas que a gente examinando com os anos todos decorridos, eram muito pueris talvez, ou muito exacerbados. Jovens que se tornaram apóstolos da Humanidade levavam aquilo a ferro e a fogo, sem uma tolerância que Augusto Comte pregava. Teixeira Mendes e Miguel Lemos romperam com Laffite em termos muito dolorosos, muito ríspidos, muito duros. Laffite era um velho respeitável, de barba branca, que tinha um grande prestígio, e fez realmente, para que se perpetuasse a obra de Augusto Comte, um grande trabalho. Mas os jovens aqui se insubordinaram e romperam, em termos muito violentos. Foi um momento muito desagradável, eu penso, da vida positivista brasileira.

C.C. - No texto que o senhor escreveu para aquela turma da PUC...

T.C. - Você leu aquele negócio! Viu as minhas palmadas? [risos] Eu contei aquilo porque era para um grupo de jovens. Era preciso dar um ar menos sério, porque um velho de 85 anos – embora eu não me considere velho – precisava dizer alguma coisa que fizesse rir.

C.C. - Qual a imagem do Teixeira Mendes para uma criança, para um jovem?

T.C. - A figura de um avô. Todos nós o chamávamos de vovô Mendes. Minha mãe, aliás, também pertencia à família de Teixeira Mendes. Teixeira Mendes era maranhense e sua mãe era tia-avó de minha mãe.

C.C. - Parece que quase todos os positivistas têm alguma relação de parentesco...

T.C. - Muitos têm, porque foram atraídos... Mas minha mãe perdeu a sua própria mãe muito cedo, e aos 13 anos veio para o Rio de Janeiro, com a madrinha, que era uma senhora portuguesa, e hospedaram-se na casa de Teixeira Mendes, de quem minha mãe era sobrinha-neta. Ela o chamava tio Raimundo, e nós o chamávamos vovô Mendes. Neste caso houve esses laços de parentesco realmente. Mas havia uma certa convivência familiar entre os vários grupos positivistas, havia uma fraternidade. Até a morte de Teixeira Mendes. Depois houve uma série de dificuldades, houve rompimento mesmo de grupos, houve uma separação em dois grupos da Igreja Positivista.

Mas o convívio da juventude com Teixeira Mendes era muito simpático. Ele interessava-se pelas crianças. Me lembro que ele estava em minha casa um dia, quando eu cheguei do Colégio Pedro II, onde havia feito uma prova de história. Ele me perguntou: “Mas o que caiu para você?” Eu disse: “Caiu a Guerra do Paraguai.” Os positivistas tinham uma teoria muito diferente da que existia naquele momento sobre a Guerra do Paraguai, que é muito próxima da que se tem hoje: não endeusar o Brasil com a Guerra do Paraguai. Então ele me passou uma verdadeira sabatina sobre o que eu tinha dito em relação à Guerra do Paraguai. Outra lembrança

que tenho dele, além das conferências que assistíamos com muito respeito, eram as visitas que ele fazia à minha mãe, ao meu pai, de quem ele se tornou muito amigo. No dia em que me despedia para partir para Barretos, no estado de São Paulo, 13 de maio de 1927, saí com ele da Igreja Positivista, fomos até o largo da Glória andando a pé, conversando. Me despedi dele na rua e parti à noite para Barretos.

C.C. - É curiosa a personalidade de Teixeira Mendes. O senhor naquele texto para a PUC, usa a expressão “zelo excêntrico” pelo positivismo.

T.C. - Nosso velho Teixeira Mendes era um homem de luta e um pouco difícil às vezes. Se ele, por exemplo, soubesse que havia um grupo de médicos assistindo às suas conferências, aproveitava para passar uma carraspana nos médicos por causa de várias teorias que ele julgava que não eram corretas. Se havia um grupo de engenheiros, ele passava uma carraspana também nos engenheiros. De modo que era um homem de luta, mas muito respeitado, de uma inteligência brilhante e de uma cultura como poucos tinham naquele momento. Havia muito respeito por ele. Era autoritário, mas a gente compreendia e venerava.

C.C. - O senhor não acha que essa ortodoxia de Teixeira Mendes impediu um maior crescimento do positivismo?

T.C. - Você tem absoluta razão. O positivismo sofreu muito, no seu desenvolvimento, pela ortodoxia, pela falta de tolerância com que o Teixeira Mendes agiu durante muitos anos e, mais do que o Teixeira Mendes, os que o seguiram, os que o substituíram na Igreja, embora sem o poder que ele tinha. Ficaram muito fora da época, fora da evolução. A ortodoxia positivista afastou muitos elementos que poderiam ser úteis e que podiam produzir para o positivismo. A parte não ortodoxa do positivismo, durante a fundação da República, teve uma influência muito maior do que a parte religiosa. Benjamin Constant, que era professor da Escola Naval, da Escola Militar, da Escola Politécnica, transmitiu, aos seus alunos, a parte filosófica e intelectual. Teve uma influência muito maior do que Teixeira Mendes. A não ser no momento em que Teixeira

Mendes vivia e em torno dele se formavam esses grupos, esses militares chefiados por Benjamin Constant exerceram uma influência muito maior na vida política brasileira.

[FINAL DA FITA 1-A]

T.C. - Havia Manuel Rabelo, Rondon, Tasso Fragoso, Pedro Dantas, Francisco Horta Barbosa, uma série de jovens oficiais que se deixaram seduzir pela pregação, pelas aulas de Benjamin, que sempre falava em Augusto Comte. Eles tiveram uma influência muito benéfica na fundação da República, porque conseguiram que a nossa constituição contivesse avanços realmente muito importantes, como a separação da Igreja do Estado, a liberdade espiritual, a liberdade de ensino, a preocupação com o proletariado...

Benjamin nunca foi da Igreja, foi da Sociedade Positivista. Depois os centros positivistas foram desaparecendo e criou-se a Igreja e o Apostolado Positivista do Brasil. Mas daquele grupo militar, a não ser o Rondon, a não ser o Rabelo, muito poucos entraram para a Igreja. Tasso Fragoso não entrou para a Igreja, mas era politicamente positivista, teve influências importantes. José Bevilacqua não era positivista, mas era muito simpático ao positivismo. Aquela mocidade toda se deixou influenciar muito porque era realmente sedutora uma doutrina que queria implantar a paz universal, elevando esse proletariado a um nível de vida condigno. De modo que, socialmente, era uma solução interessante. Primeiro a paz, e depois esse bem-estar do homem, foram as preocupações constantes do positivismo.

A incorporação do proletariado à sociedade foi um tema permanente da propaganda positivista no Brasil, e estava no seio da obra de Augusto Comte ver esse proletariado universal incorporado à sociedade, tendo instrução, tendo saúde, tendo habitação, convivendo e tendo cultura. A biblioteca positivista criada por Augusto Comte para o proletariado é hoje de quem tem uma formação científica enorme, uma criação cultural enorme, porque tem Shakespeare, Voltaire, Condorcet, todos os grandes poetas franceses, Molière, Corneille, todos os grandes teatrólogos... Essa era a biblioteca para o proletariado. Então ele antevia para o proletariado um alto preparo intelectual, independente da vida prática que cada um levasse para atender às necessidades da vida comum.

C.C. - Como foi a cisão na Igreja Positivista, após a morte do Teixeira Mendes?

T.C. - Teixeira Mendes morreu em junho de 1927. Foi sucedido por um conselho de 13 membros, entre os quais estavam meu pai, minha avó e mais dois tios. Com a morte de Teixeira Mendes, houve um momento grande de hesitação quanto aos rumos em que a propaganda pudesse continuar a ser feita, e essa adaptação não foi fácil.

De repente o Paulo, meu irmão mais velho, que tinha recebido um prêmio de viagem para a Europa, por ter sido o primeiro aluno do curso de Química Industrial na Escola de Engenharia, partiu para Paris, jovem ainda, em outubro de 1927 – ele tinha 27 anos. Chegando a Paris, entrou em contato com os proprietários da Casa de Augusto Comte em Paris, ainda da linha do Laffite. Eram os remanescentes do grupo positivista francês, originário de uma Associação Imobiliária Pierre Laffite, que havia comprado o prédio em que Augusto Comte havia morado, porque desejavam ter o apartamento que ele habitou. Naquele tempo não havia subdivisão dos imóveis, de modo que os discípulos franceses e ingleses se cotizaram e compraram o grande prédio da rue Monsieur le Prince, número dez, que tem mais de duzentos anos e que está hoje passando por obras enormes.

Mas esses contatos do Paulo com os remanescentes do grupo francês mexiam muito com os positivistas brasileiros, porque ele foi realizando aos poucos os desejos de Augusto Comte.

C.C. - Como assim?

T.C. - Primeiro, preservar o apartamento em que ele viveu, botar em ordem sua papelada, sua correspondência, seus arquivos, criar um centro de trabalho em torno da obra de Augusto Comte. Os três discípulos que restavam dessa época – Saulmier, Rousseau e Saint-Domaine – estavam muito sós. Eram três discípulos que vinham do tempo ainda de Augusto Comte. Morreu no fim do ano passado a nora de um destes positivistas, Rousseau, com mais de 92 anos, com uma grande atividade, freqüentando nossa associação em Paris, a Associação Internacional Casa de Augusto Comte, com grande ardor. Ela fez questão de que a filha entrasse para o conselho da

associação, de modo que houvesse sempre um Rousseau no Conselho de Administração da Casa de Augusto Comte.

Mas o fato é que o trabalho de Paulo despertou ciúmes aqui entre alguns positivistas, que desejavam que as coisas se realizassem, mas não do modo que foram feitas, porque achavam que Paulo havia tido contato com o grupo do Laffite, e era um pecado mortal ligar-se ao grupo do Laffite, “ser laffitista”, como diziam. E não havia nada disso. Paulo apenas respeitou o que Laffite fez de bom e de útil. Graças a ele é que se tem o imóvel onde Augusto Comte morou. Graças a ele é que se tem grande parte da correspondência de Augusto Comte. Graças a ele é que se tem o mobiliário, que foi todo judicialmente a leilão. Ele foi reunindo fundos, foi reunindo amigos, foi reunindo... De modo que foi um homem de fato de grande atividade. Mas esse rompimento chegou a um ponto de atritos pessoais muito grandes. Eles queriam, primeiro, que Paulo parasse esse trabalho que estava fazendo em Paris; segundo, que fosse um representante da Igreja aqui para continuar o trabalho que Paulo tinha iniciado em Paris.

C.C. - Então Paulo Carneiro não foi a Paris com o aval da Igreja Positivista.

T.C. - Não, o Paulo não foi. Nenhum de nós entrou para a Igreja Positivista. Raros filhos de positivistas, da primeira época, foram membros da Igreja Positivista do Brasil. Porque eram muito rígidos, a disciplina era realmente uma coisa muito dura.

C.C. - Mas o senhor nessa época não era membro da Igreja?

T.C. - Não, não. Nós, os filhos de meu pai, nenhum de nós entrou para a Igreja. E a maioria dos filhos dos positivistas nunca entrou para a Igreja. Tive o primeiro sacramento da apresentação, ficamos sempre ligados afetuosamente à Igreja, mas houve um momento em que deixamos de participar inclusive das reuniões da Igreja, muitos anos.

C.C. - Mas se o senhor nasceu numa família positivista e freqüentava a Igreja, o que faltava para se tornar um membro?

T.C. - Era preciso que se fizesse um pedido oficial à Igreja, numa demonstração de que ia servir e seguir os preceitos integrais da Igreja.

C.C. - Isso poderia ser feito com qualquer idade?

T.C. - Com qualquer idade.

C.C. - O senhor disse que sua mãe e seu pai se converteram ao positivismo...

T.C. - Minha mãe entrou para a Igreja no tempo... Ah! Ela assumiu o compromisso de seguir uma série de normas rígidas. Meu pai a mesma coisa. Eu não sabia bem o que íamos falar hoje, senão teria trazido a carta de meu pai pedindo para entrar como membro da Igreja Positivista. A gente sente o ardor extraordinário de um jovem de 20 anos, o que não se vê hoje, naquela linguagem de quase sedução e ao mesmo tempo oferecendo-se para cumprir à risca todos aqueles deveres impostos. Todos esses jovens tinham sua vida profissional ocupada, e todos eles dedicavam horas e horas semanais na tipografia da Igreja, publicando os folhetos... Todos se transformavam em tipógrafos para editar as publicações da Igreja. E foram muitas, com intervenções muito oportunas, porque todo fato político que contrariasse as normas e os princípios da moral e que ferissem no fundo o que Augusto Comte desejava, eles vinham pela imprensa e com folhetos que eram publicados e distribuídos em grande número, muito procurados e muito apreciados por todo mundo. Então todos esses jovens davam à Igreja um número de horas mensais enorme.

C.C. - O senhor não chegou a cogitar de entrar para a Igreja?

T.C. - Não, nunca tinha cogitado. Nem nunca os meus irmãos entraram para a Igreja e alguns amigos também nunca entraram.

C.C. - Mas por que não?

T.C. - Porque a Igreja exigia muito na vida, na conduta, era muito rigorosa. Não é que não se cumprisse aqueles preceitos, mas espontaneamente. Os mais jovens se sentiam um pouco obrigados a fazer uma série de coisas.

C.C. - O que, por exemplo, se exigia dos filiados que não se exigia dos que não o eram?

T.C. - Ter uma vida muito dedicada ao interesse da Igreja e com grande desprendimento. Uma vida dedicada toda aos princípios, algumas vezes exacerbados, de educação, de moral, de vida em comum, e que os jovens foram se sentindo um pouco tolhidos. Pequenas coisas, por exemplo, criaram certos fantasmas. Não comer carne, por exemplo. Havia um grande número de positivistas vegetarianos. Teixeira Mendes era vegetariano. Comer carne era quase que um pecado. Então levavam a extremos de rigor, muito grande, tudo dentro de certos princípios muito rígidos, certos rigores enormes. Fumar era um pecado, beber era um pecado. Nós, por exemplo, em casa nunca tivemos o hábito nem de fumar nem de beber, mas ninguém nos obrigou nunca a não beber e a não fumar. De modo que a geração nova sentiu-se um pouco incapaz de dar tudo aquilo que a Igreja exigia teoricamente. É uma pena não ter trazido essa carta de meu pai. Eu posso até lhe mandar, porque mostra realmente o espírito de devoção, o espírito de submissão em que essa mocidade toda estava envolvida.

C.C. - Teixeira Mendes não tentava trazer a nova geração para a Igreja?

T.C. - Bom, ele desejava, mas não havia uma... Aquilo era preciso que fosse muito espontâneo também. Eles não obrigavam a entrar para a Igreja, mas entrando para a Igreja era preciso seguir à risca os princípios, que eram exacerbados. A gente precisa levar em consideração que Miguel Lemos e Teixeira Mendes, muito moços ainda, tornaram-se chefes espirituais de um grupo que ficou seduzido pela doutrina e, portanto, muito fiéis a eles, mas eram muito rigorosos. De modo que a coisa ficou meio perdida. Mas ao mesmo tempo, eles não exigiam que os filhos entrassem,

eles queriam que espontaneamente entrassem. Entrando tem que cumprir. E isso afastou muita gente.

C.C. - Alguém da sua geração entrou?

T.C. - Sim, o filho do Luís Bueno Horta Barbosa, por exemplo, o engenheiro Luís Hildebrando Horta Barbosa entrou. Alguns poucos entraram, muito poucos em relação ao número dos jovens daquela época. Mas mesmo não entrando para a Igreja, muito devotados e freqüentando com assiduidade, até que em 1928 houve esse rompimento.

C.C. - Havia, em relação aos que se filiavam à Igreja, a proibição de ocupar cargos públicos?

T.C. - Cargos políticos. Foi um erro brutal. Na revolução republicana, que foi pacífica, uma das coisas úteis foi justamente que os positivistas atuaram diretamente. A Igreja pregava o contrário: o positivista não pode exercer função política. Vou lhe contar um episódio. Meu pai era do Ministério da Marinha, funcionário muito respeitado. Foi convidado pelo então ministro da Marinha para servir no seu gabinete. Foi consultar Teixeira Mendes, que disse: “Não pode, é um cargo político.” E meu pai, que precisava ganhar um pouco mais para o sustento da família, deixou de aceitar um cargo de secretário do ministro em função da teoria do Teixeira Mendes de que os positivistas não podiam – erroneamente, eu penso – ocupar cargos políticos. Quer dizer, então eles deixaram de influir muito mais na vida pública brasileira. Se todos os positivistas capazes, honestos, dedicados, se dedicassem à política, se um grande grupo se dedicasse à política, você teria outra Câmara, teria outro Senado. Porque todos eles carregavam consigo uma bagagem enorme de disciplina e de seriedade. Foi um dos grandes erros da propaganda positivista no Brasil fixar-se no ponto de vista religioso, abandonando o ponto de vista político.

C.C. - Voltando ao momento de cisão. Seu irmão está em Paris...

T.C. - Meu irmão está em Paris, entra em contato com os últimos remanescentes do grupo positivista original que, entusiasmados por encontrar um jovem que se interessou pelo assunto, foram lhe passando aos poucos os encargos que tinham, de administração da Casa de Augusto Comte. Ao mesmo tempo, foram transferindo-lhe as cotas-parte da Associação Imobiliária Pierre Laffite, que era detentora do imóvel. Meu irmão comprou algumas partes, mas também recebeu de graça – alguns velhos positivistas foram transferindo a ele as partes que tinham, tão entusiasmados estavam com ele. Houve um momento em que ele ficou proprietário desse imóvel, de seis andares, numa zona nobre de Paris, rue Monsieur le Prince. Paulo vinha já há algum tempo cogitando um modo de enquadrar aquilo que não fosse de um ponto de vista pessoal, e criou então *La Maison de Auguste Comte - Association Internationale*, para a qual passou todas as ações que tinha da Casa de Augusto Comte. Transformou uma associação imobiliária numa associação civil.

Isso foi em 1954, quando os estatutos ficaram prontos. Ele primeiro pensou em fazer uma fundação, era difícil, tinha que fazer isso, fazer aquilo... Afinal chegaram a essa situação de criar a *Association Internationale la Maison de Auguste Comte*, reunindo um grupo de positivistas naquele momento, e que ficou detentora do imóvel. Foi dirigida pelo Paulo, durante a vida toda – o Paulo morou direto em Paris por 50 anos, desde 1928 ele foi químico do Instituto Pasteur.

C.C. - Quem sucedeu Teixeira Mendes, no Brasil?

T.C. - Não há um chefe. Ficou como sucessor um grupo de 13 membros da Igreja, que dirige a Igreja em torno de um conselho. No fundo há sempre um chefe, mas nominalmente não há um chefe. Aqui ficou muito tempo o almirante Alfredo Morais – que ainda está vivo, com 90 e poucos anos. Em 1927, 1928 eram membros do conselho o Montenegro Cordeiro, Bagueira Leal, havia um Horta Barbosa, minha avó, meu pai, dois irmãos... Já morreram todos... Esse grupo se separou e foram entrando outros, da velha guarda ainda.

C.C. - Na época do rompimento, como ficou o conselho?

T.C. - Uma parte ficou lutando para que o Paulo não mantivesse contato com o grupo do Laffite: Montenegro, Bagueira Leal, a parte exacerbada. A outra parte, meu pai, minha avó, meus irmãos todos, inúmeros primos, inúmeros amigos, todos deixaram a Igreja. Houve uma série de publicações terríveis, na imprensa. A luta foi religiosa quase, foi tremenda realmente, penosa, porque famílias que viviam congregadas em torno de Teixeira Mendes, romperam de repente laços de amizade e de fraternidade que pareciam realmente seguros, mas que ruíram como cartas de baralho no primeiro embate.

C.C. - Quem saiu, além da sua família?

T.C. - Alguns amigos saíram: Jéferson de Lemos, Olimpio Pandeira – que era, aliás, genro de Bagueira Leal, era oficial do Exército –, esse acompanhou a família Carneiro.

C.C. - Com o rompimento, então, sua família parou de freqüentar a Igreja.

T.C. - Minha família parou de freqüentar a Igreja, durante muitos anos tivemos rompimentos pessoais.

Com o tempo, as coisas foram abrandando. Uns reconheceram seus erros, outros reconheceram que foram um pouco exagerados no modo de reagir. Paulo mesmo foi à Igreja algumas vezes, eu mesmo fui com ele algumas vezes à Igreja, que é hoje um pequeno núcleo mínimo, reduzido a dez ou 20 pessoas que se reúnem ainda lá aos domingos, num gesto de... perpetuarem enfim a lembrança do que foi aquilo.

C.C. - O senhor não freqüenta?

T.C. - Não freqüento. Fui algumas vezes em vida do Paulo. O Paulo morreu já há 11 anos. Sempre que vinha ao Brasil, depois do abrandamento dessa briga, íamos à Igreja no dia primeiro de janeiro, eu ia sempre com ele. Ainda agora, recentemente, fiz uma visita à Igreja, com um grupo da PUC que me pediu para fazer uma palestra – essa palestra que você leu. Há muitos anos

eu não ia lá. O Morais é um velho ranzinza e muito preocupado com a parte religiosa, queria que em Paris se fizesse propaganda religiosa e a nossa associação em Paris não tem espírito nenhum de propaganda, e o Morais criava sempre problema. Mas agora está lá um rapaz, Danton Voltaire, que está chefiando um pouco o grupo, é muito simpático comigo. Então eu levei esse grupo de alunas da PUC que me convidou para dizer algumas coisas. Eu disse pequenas coisas, como você viu.

C.C. - O senhor também foi à casa de Benjamin Constant.

T.C. - Fui à casa de Benjamin Constant, mas cheguei lá, já tinham saído.

[FINAL DA FITA 1-B]

C.C. - Apesar de sofrer oposição da Igreja, o trabalho de Paulo Carneiro foi fundamental para preservar a Casa de Comte.

T.C. - O trabalho do Paulo em Paris foi muito importante. Ele conseguiu adquirir centenas de cartas de Augusto Comte, conseguiu repor o apartamento de Augusto Comte nas condições em que ele estava no momento em que Augusto Comte morreu. Hoje, na biblioteca de Augusto Comte, os livros estão na mesma ordem que estavam no dia em que ele morreu. Os papéis de parede e os tecidos das poltronas estão forrados com o mesmo tecido e o mesmo papel, feitos pelas mesmas fábricas do século passado. Tudo isso feito pelo Paulo, descobrindo as fábricas que fizeram os papéis, que fizeram os tecidos, levando amostras e refazendo tudo exatamente igual. Ele subvencionou, do próprio bolso, durante muitos anos, todas as despesas desse imenso acervo da Casa de Augusto Comte, que hoje vive do aluguel da sua maior parte à Escola Superior de Altos Estudos em Ciências Sociais, que vem alugando parte do imóvel de 30 anos para cá. Ano passado eu completei um grande desejo do Paulo: fazer um contrato a longo termo, em que a escola mantivesse a obrigação de fazer todas as obras de que o prédio carece e desse à Associação Augusto Comte o mesmo aluguel que pagava sem essas obrigações. Mas para isso

fizemos um contrato de *enfiteuse* com a duração de 60 anos. Porque havia muita ambição em torno do prédio, havia um grupo que estava querendo tomar conta daquilo para poder fazer exploração imobiliária, transformar aquilo em apartamentos particulares, criar uma associação para explorar o prédio. Eram três franceses perigosos que nós conseguimos expulsar. Nenhum deles era positivista, viram naquilo uma fonte de renda. Realmente era uma preocupação, um prédio de mais de duzentos anos. As obras agora vão a milhões de francos. Estão em pleno trabalho lá agora. Eu assinei o contrato depois de uns cinco anos de batalha e de luta.

[Mostrando foto] Aqui é a casa do 10, Monsieur le Prince. A associação não tem nenhum caráter religioso, não tem nenhum caráter de propaganda. Foi criada com esse espírito: A Associação Internacional, proprietária e guarda da *Maison de Augusto Comte*, não tem nenhuma atribuição de ordem espiritual. Sua missão é de conservar à perpetuidade a residência do filósofo no estado em que ele a deixou, como centro de peregrinação aberto a todos os admiradores de sua obra e de sua vida. A casa de Augusto Comte não é o apanágio de nenhum grupo, a sede de nenhuma propaganda filosófica, política ou religiosa. É no recolhimento e no silêncio que ela saberá melhor relembrar às gerações futuras o gênio e a grandeza moral do imortal renovador.

Esse é o preâmbulo dos estatutos. É esse o espírito da casa. Mas aqui... O Moraes, por exemplo, que é, digamos, o chefe da Igreja Positivista do Brasil, sempre com aquele espírito, se deixou, coitado, seduzir por esses três franceses que se propunham a fazer propaganda religiosa em Paris, sem nenhum vislumbre de possibilidade, porque o nome de Augusto Comte é cada vez mais apreciado, mas o aspecto religioso fica à parte, ninguém leva muito em consideração esse aspecto religioso na obra dele. Ao passo que os positivistas brasileiros se detiveram nessa parte especialmente, a meu ver com grande prejuízo da evolução dos costumes e dos hábitos da nação brasileira.

C.C. - O almirante Moraes é, oficialmente, o chefe da Igreja já há muito tempo?

T.C. - É, há muitos anos já. Eu tinha até relações muito boas com ele. Mas quando esse grupo de Paris começou a querer se aproveitar do imóvel, ele um dia recebeu uma carta desses sujeitos dizendo que eu era o presidente da associação, estava no Brasil, não tinha ido há um ano – eu

tinha tido um infarto aqui, fui operado e não pude ir um ano a Paris – e quiseram se aproveitar para tomar conta da associação, dizendo que eu não tinha realizado nenhuma assembléia durante um ano todo que tinha se passado, escreveram para o Morais propondo que ele eventualmente fosse o presidente da associação de Paris. Ele recebe aquela carta, fica espantado e me chama – nós tínhamos boas relações: “Trajano, estão tramando contra você em Paris.” Eu digo: “Esse grupo não vale nada, não tem importância nenhuma.” Mas ele aos poucos se deixou seduzir pela promessa desse grupo, de fazer a propaganda religiosa do positivismo em Paris, tudo em contrário ao nosso espírito.

C.C. - São essas três pessoas que o senhor mencionou que...

T.C. - Não, essas três pessoas são três franceses que entraram para a associação – um deles entrou até recentemente, pela mão do Paulo, conhece um pouco a obra de Augusto Comte, mas muito ambicioso. Sobretudo uma jovem senhora francesa, que era jovem e hoje já não é mais, que trabalhou com o Paulo na mocidade e sempre recebeu do bolso do Paulo a remuneração pelo trabalho que fazia, quis dar um golpe de receber um milhão de francos por esses trabalhos que havia feito na casa de Augusto Comte sem remuneração. Porque o Paulo pagava do bolso dele, mas não tinha recibo, não tinha nada. De modo que me deu um trabalho dos diabos. Mas o Morais então me chamou e disse: “Estão tramando contra você.”

C.C. - Então não era bem intencionada essa propaganda religiosa do positivismo.

T.C. - Não. Era mais um golpe. Talvez não houvesse até uma ligação, mas esta senhora... Quem queria mais fazer a propaganda era o senhor Lavinier. Mas esta senhora é que comandava o grupo especulativo.

C.C. - Eles já saíram da associação?

T.C. - Sim, nós os expulsamos da associação. Houve ações judiciais. Mas no meio do caminho Morais bandeou-se para eles. Me chamou e disse “Toma cuidado”, mas depois se bandeia para o lado...

C.C. - Em que ano foi isso?

T.C. - Isso foi agora, levou dez anos. Eu sucedi o Paulo em 1981, quando ele morreu. Eles foram expulsos há uns quatro anos atrás. Mas levamos umas três ou quatro ações judiciais, inclusive essa pedindo uma indenização de um milhão de francos pelo fato de ter trabalhado um tal período sem remuneração. Nós ganhamos isso tudo, apenas o juiz me mandou pagar 50 mil francos a ela, em virtude de eu lhe haver escrito uma carta, o que é verdade, dizendo: “No momento não temos condições de tomar os seus serviços” – evidente que era um modo gentil de dizer a ela que não queria – “mas, se houver uma oportunidade mais tarde, você voltará a colaborar conosco” – isso antes da expulsão dela – “para fazer aquilo que nós queiramos que você faça, não o que você deseja fazer.” Então no despacho em que o juiz me absolveu do um milhão de francos, me mandou pagar 50 mil pela promessa que eu tinha feito nessa carta. Os juízes são perigosos. Como eles me obrigaram a pagar 50 ao invés de um milhão, eu resolvi não apelar. O advogado queria apelar, eu disse: “Prefiro pagar 50 mil do que...” E dei do meu bolso 50 mil francos, para evitar uma complicação maior. Durou oito anos de luta. Cada assembléia que nós tínhamos, perdíamos metade do tempo discutindo esses problemas.

O contrato do imóvel só resolvi agora em 1989. Levei nove anos para resolver. Porque aí entrava o governo francês, e eles entravam aqui querendo interpor problema: “O governo francês é poder temporal e nós não podemos aceitar regras de poder temporal.” Essas bobagens, essas nuances, não tem nenhuma razão de ser, não é? Mas finalmente eu consegui fazer o desejo do Paulo. Quando ele sentiu-se mal, chamou-me a Paris e disse: “Estamos com uma reunião marcada para janeiro” – eu fui em dezembro de 1981 –, “não sei o que será da minha saúde. Estou escrevendo uma carta a Henri Gouhier, que é membro da associação e membro da Academia Francesa, para presidir a reunião e fazer você presidente, propor a sua eleição para

presidente.” O Paulo ficou bom dessa primeira fase da doença, foi à reunião, mas propôs realmente deixar a presidência e me passou a presidência nessa ocasião.

Bom, aí eu fiquei dois anos sem ir a Paris. Primeiro ano da morte do Paulo foi um ano difícil aqui no Rio, depois eu tive um infarto, tinha sido operado, por falta de transfusão de sangue tive uma deficiência de sangue, tive um infarto, fiquei mais um mês na casa de saúde, acabei não indo a Paris e não dei maior importância pelo fato de não se fazer uma reunião num ano. Mas essa mulher se aproveitou para fazer essa campanha, mandou circulares para todo mundo dizendo que eu não aparecia há um ano, não dava notícias, que era preciso... O Morais, coitado, entrou nessa história, inclusive nas ações judiciais, que perdeu todas. Agora eu soube que romperam com ela também, com o grupo, não sei bem porque mas, enfim, romperam com esta senhora que nos moveu essa ação, que estava ligada a ele, Morais. Não sei porque romperam.

C.C. - A Igreja aqui acompanhou o almirante Morais nesse caso?

T.C. - Não, não tem nenhuma relação. Inclusive um dos membros da nossa associação é membro da Igreja – um dos poucos remanescentes – e nos deu um apoio permanente, nos dá um apoio enorme. Foi mais uma atitude pessoal do Morais. Coitado, até por sedução de propagar em Paris a religião. Eu compreendo que ele tenha essa obsessão.

C.C. - Existe em Paris algum grupo positivista?

T.C. - Filosoficamente muito grande. Se estuda muito Augusto Comte, se publica muito. Acabou de sair um volume de quinhentas páginas, uma biografia de Augusto Comte, por um escritor, Sernan, recém-candidato a uma vaga na Academia Francesa de Letras, perdeu por poucos votos: *Augusto Comte e o século XIX*. Enfim, Augusto Comte, o grande homem que viu o século XIX como ele deveria ser visto.

C.C. - Mas existe algum grupo organizado?

T.C. - Grupo organizado, não. A não ser esta associação, que não tem nenhum aspecto religioso, mas de pesquisas e de estudos. Nós temos a casa de Augusto Comte, o Paulo transformou num museu. É um andar inteiro aqui. Um dos bonitos museus de escritores franceses é esta casa toda do século XIX, mobília, belas bibliotecas, uma sobriedade, mas um bom gosto enorme. E temos no primeiro andar um centro de estudos e de pesquisas freqüentados o ano inteiro por professores e alunos, franceses e estrangeiros, de várias nacionalidades.

C.C. - Quantos e quem são os membros da associação?

T.C. - São 55 membros. Franceses, brasileiros, italianos, poloneses... Paulo nunca quis um número muito grande e eu cada vez me convenço mais que isso é útil, para poder manter o controle. Porque cada um tem uma cabeça. O ponto de vista dele foi preservar o acervo de Augusto Comte à posteridade, sem nenhum aspecto religioso, sem nenhum aspecto de propaganda. É um museu e um centro de estudos. Temos uma documentação enorme lá. Esta documentação estava sofrendo um pouco a ação do tempo, há papéis de quase duzentos anos. O Paulo, antes de morrer, pretendeu e realizou doar à Biblioteca Nacional de Paris os manuscritos de Augusto Comte, que ele havia descoberto, embrulhados num papel de jornal, nos primeiros contatos de trabalho na Casa de Augusto Comte. Durante longos anos, todo sábado e todo domingo ele dedicava à casa de Augusto Comte. De repente encontra um inventário, e graças a esse inventário conseguiu botar tudo no seu devido lugar, inclusive os livros na ordem em que estavam no dia da morte de Augusto Comte, que seus discípulos fizeram constar. Graças a esse trabalho as coisas foram se fazendo e criou-se então esse centro de estudos, que é muito freqüentado. Mas Paulo nunca quis, em primeiro lugar, que as visitas ao museu fossem públicas. O museu abre, fica aberto à disposição dos visitantes, mas mediante pedido. Temos sempre duas funcionárias lá. Ele sempre teve receio de que o passante na porta visse “Casa de Augusto Comte”, quisesse entrar e um dia levasse um documento, um... Porque lá não tem segurança nenhuma. Ele então resolveu doar à Biblioteca Nacional os originais da obra de Augusto Comte,

17 volumes encadernados, encadernação mandada fazer por ele em 1932. É o único escritor francês que tem o conjunto de sua obra manuscrita na Biblioteca Nacional.

Eu agora acabei de doar, o ano passado, à Biblioteca Nacional, em complemento a essa doação do Paulo, as cartas originais de Augusto Comte que nós tínhamos em nosso poder. Aqui é um discurso que eu fiz no dia, não sei se poderia lhe interessar ou não, pelo menos para passar uma vista, para ver o espírito com que a coisa foi feita. Doamos 670 cartas de Augusto Comte, 181 cartas trocadas entre Comte e Clotilde de Vaux e 2.700 cartas dirigidas a ele por diversos. Vamos ficar com tudo isso microfilmado e duas cópias em xerox, de modo que os pesquisadores continuem a ter lá sua fonte de pesquisas. Mas ao mesmo tempo, esses documentos ficam preservados num ambiente de cuidados físicos com os papéis e cuidados políticos, porque a gente nunca sabe, num apartamento em que as janelas são de vidro, no mundo doido de hoje, a gente nunca sabe. Uma das últimas cartas de Augusto Comte postas em leilão, há alguns anos atrás, saiu por três mil dólares.

C.C. - Por que o senhor foi contra que a associação fizesse propaganda religiosa?

T.C. - Em primeiro lugar, na França não há a menor atração pelo espírito religioso do positivismo. Que eu conheça, não há nenhum francês que, admirador de Augusto Comte, tenha admiração pela religião. Então é você malhar em ferro frio, como o Brasil malhou em ferro frio. A Igreja Positivista está hoje reduzida a umas 20 pessoas porque não soube atrair o público.

Nós temos professores de várias universidades francesas e italianas que nos dizem sempre que na parte religiosa não há o menor interesse pelos alunos, ao passo que na parte filosófica e na parte social há um interesse crescente. Se publica hoje muito na Itália, na França, no Japão – há um grupo crescente, me dizem que está bastante crescido esse grupo japonês. Nós mesmos tivemos um japonês fazendo pesquisa lá durante muito tempo. Tivemos uma americana durante três anos fazendo pesquisas em torno da vida e da obra de Augusto Comte, que está publicando este ano uma biografia de Augusto Comte, vai sair o primeiro volume agora no fim do ano e o segundo volume sai no ano que vem, por uma universidade americana. Então há um interesse pela obra de Augusto Comte. Mas ninguém quer dever moral, ninguém quer obrigação.

As pessoas querem ser livres, não é? E uma religião sempre traz freios. Qual é o preceito de Augusto Comte sobre o casamento? O casamento positivista devia suceder ao casamento civil depois de três meses, para que os jovens noivos se conhecessem bem e se quisessem podiam se separar porque o registro civil permitia a separação, ao passo que o casamento religioso do positivismo não permite a separação e exige a viuvez eterna. A viuvez quando é natural – eu sou viúvo há 14 anos, nunca tive peias, a não ser saudades, por ser viúvo ou por não ser – mas uma obrigação de você jovem, que conhece o noivo hoje e faz um compromisso de ser viúva eterna, é muito difícil nessa mentalidade da juventude de hoje. Mesmo essa coabitação de três meses era puramente... social. Você não coabitava com o seu noivo, você não tinha relações de casamento com o seu noivo, com a sua noiva. Era uma abstinência durante três meses. Isso seria possível hoje? Então, está tudo isso prescrito. É muito difícil.

C.C. - Qual o aspecto do positivismo que o senhor acha que vai sobreviver? Qual vai ser o futuro do positivismo?

T.C. - Acho que o aspecto social é importante, o aspecto científico é importante. Augusto Comte era um homem que tinha um espírito relativo, ao contrário dos positivistas brasileiros, que nunca tiveram relativismo. Esse pequeno grupo que ficou remanescente da Igreja, ficou sempre sem esse espírito relativo. Augusto Comte era um homem da evolução, era um homem que “tudo é relativo, eis o princípio absoluto”. Então você tem que ser mais liberal na apreciação dos fatos. O que se escreve hoje é sobre o quê? Sobre a parte filosófica, a classificação das ciências, a parte social, o amparo ao proletariado. Isto tudo há um interesse no mundo, e a gente sente que o mundo, mais do que as pessoas, carece hoje de alguma coisa que venha solucionar os seus problemas. Porque a gente vê que o mundo todo está em dificuldade, não é o Brasil. A gente pensa que o Brasil é o único país que tem dificuldades, mas você vai na Inglaterra, são as bombas da Irlanda; você vai na Iugoslávia e é essa destruição total, não é? Por todo lado o homem está perdido. Por falta de uma religião. Augusto Comte dizia que o homem tem um espírito religioso encravado em si mesmo e a prova disso é que há uma série de seitas que surgem a cada dia, porque a religião católica, por muito nobre que seja – e nós, positivistas, veneramos muito a religião católica, são vários os santos católicos postos por Augusto Comte no

seu calendário e no seu culto – a Igreja Católica não tem mais forças hoje para impedir que alguém faça ou não faça alguma coisa. Por outro lado, todo mundo sente necessidade de se amparar também. Daí essa quantidade de seitas que surgem. O presidente da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, que aluga a maior parte de nosso prédio, um grande professor francês, estávamos conversando outro dia, almoçando em Paris, eu falei sobre o problema de seitas no Brasil e ele me disse: “Mas meu caro, na França surgem seitas religiosas a cada semana.” É uma coisa extraordinária, eu não fazia idéia disso. Me disse ele que é uma brutalidade o que há de seitas que surgem a cada instante.

C.C. - O senhor se considera um homem religioso?

T.C. - Sim, no sentido de que é preciso cumprir certos preceitos morais, que é preciso ter uma conduta impecável, que é preciso ter amor, que é preciso ter dedicação, que é preciso ter veneração. Sou adepto da Religião da Humanidade no sentido de que a humanidade não é um ser sobrenatural, nem um ser todo-poderoso, mas o conjunto dos seres convergentes do passado, do futuro e do presente, numa comunhão de esforços para o bem da humanidade.

C.C. - Mas não no aspecto sacramental ou institucional?

T.C. - Não no aspecto sacramental, não no aspecto de pedir, não no aspecto de orar.

C.C. - Seu casamento também foi positivista, como o de seus pais?

T.C. - Meu casamento não foi positivista. Nós éramos primos, foi o único casamento na família de primos, foi uma batalha enorme, porque nunca tinha havido casamento entre primos. A instrução religiosa, nos casamentos positivistas, deve ficar a cargo da mãe e a mãe de minha mulher era católica, o pai era positivista. De modo que a mãe educou os filhos todos no catolicismo.

Minha esposa chamava-se Beatriz Aurora Lobo Barbosa Carneiro. Barbosa Carneiro era nome de meu pai, Mário Barbosa Carneiro, e o pai dela era Otávio Barbosa Carneiro, um grande engenheiro. Lobo era da mãe dela, cujo avô, Fernando Lobo, foi ministro das Relações Exteriores de Floriano Peixoto, um homem de nomeada, mineiro também. Nos casamos em 1937. Nosso casamento foi misto. Foi uma dificuldade para os padres fazerem um casamento misto, porque queriam fazer o padre vestido de preto, com a batina preta que se usava naquele momento – hoje já não há mais batina preta – queriam fazer no meio da igreja, na nave. Como minha mulher era católica e havia essa idéia de casamento misto, eu procurei me informar em várias igrejas. Mas todos eles queriam fazer o casamento, o padre de preto e não no altar, no meio da entrada para o altar. Afinal, foi o monsenhor Franca, aqui da igreja da rua Benjamin Constant, que era muito amigo de um marido de uma tia nossa, Sílvia Vieira Souto, que resolveu fazer o casamento misto como se fosse um casamento comum, apenas eu não me ajoelhei no altar como fazem os noivos, só Beatriz se ajoelhou e eu fiquei em pé. Podia até ter ajoelhado, não tinha importância nenhuma, mas a gente fica um pouco briguento nessas horas, não é? “Por que é que vão me obrigar a ajoelhar diante do altar...” Mas, afinal, o padre, professor da PUC, Leonel Franca, fez uma prédica muito bonita, até pelo fato de eu ser positivista – que o positivismo sempre foi muito simpático ao catolicismo –, e de Beatriz ser católica. Foi uma cerimônia bonita, tudo correu naturalmente, tudo muito agradável. Nos casamos assim, num casamento misto.

Paulo casou-se só no civil, porque a noiva, já com o noivado, foi perdendo a fé no catolicismo e não se preocupou com isto; minha irmã casou-se com Ivan Lins, só houve casamento civil também; e só o segundo irmão é que se casou na Igreja Católica, porque a noiva era muito católica e não aceitava casar se não fosse na igreja. Eu não sou antipático no ponto de vista religioso não. Acho, ao contrário, que a religião traz certos deveres, certos encargos, que talvez sejam responsáveis, por não existirem, das dificuldades que o mundo atravessa. Mas a religião é difícil, porque impõe deveres também muito grandes, que ninguém quer se submeter hoje, não é? É muito mais fácil você não ter que dar satisfações a ninguém do que ter que dar satisfações a um deus, que você vai se penitenciar por ter pecado, ou a um chefe espiritual, cuja autoridade lhe faça... Era muito exagerado. Sabe que um tio meu, jovem ainda, irmão mais moço

de meu pai, ia para a Europa fazer um curso numa das universidades francesas. Estava tudo pronto, mas ele não era maior ainda. Teixeira Mendes, quando soube, impediu que o rapaz embarcasse, porque ele era muito jovem ainda, era um perigo deixá-lo solto em Paris... Essa autoridade espiritual do chefe religioso entrava nos detalhes da vida de cada um. Por isso é que é difícil o positivismo religioso vingar nesse momento. Talvez mais tarde, quando as paixões estiverem apaziguadas, quando o mundo estiver mais uniforme. Hoje é muito difícil.

C.C. - Existe atualmente um Clube Positivista, que não é ligado à Igreja.

T.C. - Mas é de um grupo da Igreja, ao qual nós nunca fomos, porque esse clube surgiu mais ou menos na ocasião da luta, do dissídio positivista. Nenhum membro da minha família entrou para o Clube Positivista.

[FINAL DA FITA 2-A]

T.C. - Esse clube nunca teve aspecto religioso, mas teve um aspecto político também que nós, que estávamos livres das peias muito rigorosas, nunca quisemos nos submeter.

C.C. - Qual era o aspecto político do clube?

T.C. - Político no sentido de intervenções nos jornais condenando isso, condenando aquilo, que tolham muitas vezes a liberdade de pensamento de cada um. A gente, pertencendo a um grupo destes, tem que se submeter muitas vezes a deliberações que não correspondem muito ao pensamento individual. De modo que, da nossa família, ninguém entrou para o Clube Positivista. Temos relações com alguns deles, mas nunca fomos do Clube Positivista. Não que eles não nos tenham convidado algumas vezes. A mim mesmo já convidaram, eu digo: “Não, eu já estou... já passou do tempo agora.” [riso]

C.C. - O senhor está falando da participação do clube em relação a fatos políticos?

T.C. - Sim, ao posicionamento em relação a fatos políticos. Houve um momento em o clube intervinha em tudo. Até a morte de Teixeira Mendes foi inconteste a autoridade política de suas intervenções. Sobre a Revolução de 1930, foi unânime a opinião pública. Já estava muito desgastado o regime de 1930. Eu acho que o período mais frutuoso do Getúlio foi a primeira fase da revolução. Foram os dois anos em que ele foi chefe do governo sem as peias do Congresso Nacional. Depois fica nessa escravidão política, não é? Interesses de grupos, esse jogo daqui soma com votos destes, com votos daqueles contrários muitas vezes e você...

C.C. - O Júlio Caetano Horta Barbosa dirigiu...

T.C. - O Júlio Caetano Horta Barbosa, que não era da Igreja mas era simpático ao positivismo, e era primo-irmão do meu pai, foi o presidente do Conselho do Petróleo e um grande defensor do monopólio estatal do petróleo.

C.C. - Aí os positivistas em bloco eram a favor?

T.C. - Em bloco, os positivistas todos a favor, os rapazes todos: Hildebrando Horta Barbosa, Barradas, Jacobina, Descartes, toda a mocidade naquele momento aderiu com muito entusiasmo.

C.C. - Houve algum outro evento que mobilizasse assim o conjunto dos positivistas?

T.C. - Bom, no passado houve problemas sérios, que deixaram uma marca muito penosa no positivismo, porque houve interpretações errôneas. Foi o famoso caso da vacinação obrigatória. Os positivistas eram contra a obrigatoriedade, não a vacinação, porque achavam que o governo não tinha competência para impor que esse remédio é útil ou não é útil, que devia ser liberado do governo. Mas o fato é que houve uma confusão terrível, houve revolta militar, houve... Mas os positivistas tomaram uma atitude um pouco violenta, talvez demais. E criou também um aspecto de crítica do público em relação ao positivismo, durante muito tempo se dizia: "Ah, aqueles que não acreditam em vacina!" De fato não era não acreditar em vacina, era contra a obrigatoriedade,

porque a vacina naquele momento estava causando uma série de acidentes terríveis na Inglaterra – se vacinou muito contra a varíola – o número de mortes, muito se escreveu na Inglaterra sobre os efeitos maléficos da vacinação. De modo que era justo que houvesse também uma luta, uma divergência de opiniões sobre isto. Mas tudo foi levado a um ponto de vista de... “Ah, o senhor é daquela doutrina contra a vacina?” Então era como se fôssemos malucos.

C.C. - Ficou um estigma.

T.C. - Ficou um estigma, evidente. Mas também alguns positivistas foram culpados, porque usaram linguagem muito exacerbada. As publicações usavam um linguajar terrível de fanatismo. Houve muito fanatismo. Toda religião que nasce tem seus fanáticos, que querem consertar o mundo rapidamente, dentro do seu ponto de vista. Então querem obrigar a regimes de força, embora pregando a liberdade. Um dos princípios fundamentais do positivismo é a liberdade. Mas essa liberdade, na hora, de repente, muda de interpretação.

C.C. - Na história mais recente, depois da campanha do petróleo, houve algum episódio marcante da história política que tenha tido a participação dos positivistas?

T.C. - Não. Mesmo porque os positivistas hoje são um grupo muito reduzido, não têm mais força para... Antigamente, o Sr. Mendes, por exemplo, não havia um acontecimento político que não... Havia os célebres artigos “A Pedidos” do *Jornal do Commercio*, era uma seção paga. Todo evento que contrariasse a liberdade espiritual, a liberdade de pensamento, a separação da Igreja do Estado, ou que fosse favorável às leis sociais, ou que fosse a favor do pobre, a favor do mendigo, tudo aquilo o Seu Mendes escrevia artigos de duas colunas inteiras, dando o ponto de vista positivista para a solução daquele problema. De modo que havia uma atuação política de fato, ao lado desse aspecto religioso. Teixeira Mendes, ele próprio, exercia pessoalmente essa ação junto nos “A Pedidos” do *Jornal do Commercio*, em que ele atacava ou defendia à vezes com uma violência enorme as posições que a sociedade tomava sobre esse ou sobre aquele assunto. Lembro-me bem de que na noite em que morreu uma de suas filhas, moça ainda, bonita,

havia um problema político importante naquele tempo, e ele passou a noite ao lado do caixão escrevendo o artigo para sair no dia seguinte no jornal, com uma fibra terrível, era um assunto em que ele precisava intervir. É uma coleção brilhante de artigos, porque todos os grandes fatos políticos que contrariassem a separação da Igreja do Estado, que ofendessem a liberdade de pensamento, que não fossem a favor dos oprimidos, a Igreja intervinha, o senhor Mendes intervinha ele mesmo, em artigos assinados, de muito êxito, de muita influência. Ele era um homem respeitável. Houve um padre católico, que quando ele morreu, fez uma prédica numa das igrejas católicas, na Igreja de Jacarepaguá, uma belíssima oração, mostrando o caráter, o coração e o valor do homem que acabava de morrer. Muito bonito.

C.C. - Teixeira Mendes não preparou um sucessor? Não tinha um discípulo preferido?

T.C. - Todos os discípulos respeitavam muito Teixeira Mendes. Mas ele não tinha provavelmente um discípulo escolhido e provavelmente não pensava em morrer tão cedo, porque de fato ele morreu muito moço. Foi uma surpresa. Ele teve provavelmente um infarto ou um edema pulmonar, parece que foi mais um edema do que um infarto. Ele tinha passado uma longa parte da noite exposto aqui no Russel, onde o Eduardo de Sá, escultor brasileiro, acabava de fazer a estátua de São Francisco de Assis que se vê aqui no Jardim da Glória e que os positivistas ofereceram ao município. Era uma noite de inverno, de São João, muito gelada, e Teixeira Mendes passou praticamente toda a noite ali, porque ele queria que a inauguração fosse feita no dia seguinte e ficou em cima do artista, com o seu temperamento de comando. Chegou em casa, teve uma dor muito forte no peito e morreu. De modo que nunca passou pela idéia dele morrer naquele momento.

Quando Teixeira Mendes morreu, eu estava em Barretos e minha mãe estava me escrevendo uma carta – eu recebi tantas cartas de minha mãe em Barretos quantos dias eu passei lá. Eu tinha 18 anos quando entrei para o banco, era realmente um garotinho, mimado... 18 anos hoje é um homem feito, mas naquele tempo... Minha mãe estava escrevendo uma carta, nós estávamos sem telefone em casa, tínhamos nos mudado, ela me disse: “Seu pai acaba de voltar, foi chamado para atender o telefone e era dando a notícia da morte do nosso velhinho, Seu

Mendes.” Eu tenho uma carta da minha mãe em que ela dá a primeira notícia da morte do Teixeira Mendes, o impacto que aquela morte causou. É muito importante.

C.C. - Atualmente existem em funcionamento, além da Igreja e do Clube Positivista, centros positivistas em outros estados?

T.C. - Sim, há um centro no Paraná. Houve no Rio Grande do Sul, mas hoje não existe mais, está fechado, alguns positivistas se reúnem uma vez ou outra, mas sem continuidade. O grupo do Paraná é que é mais atuante um pouco. Era o David Carneiro o chefe desse grupo, já morreu, dava uma grande assistência a esse grupo, e mudou um pouco a feição de propaganda, que era parecida com a do Rio de Janeiro, por uma propaganda mais livre, mais independente. Mas ao qual também eu não pertenço, nunca pertenci, mas me dou com David Carneiro Filho.

C.C. - E no Rio Grande do Sul, quem era a figura central?

T.C. - No Rio Grande do Sul, politicamente, houve dois grandes positivistas, que foram Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros. Esses, na parte política, foram extraordinários, porque conseguiram governar vários anos, dentro de uma constituição toda ela positivista. Foram governos de grande moralidade. Do ponto de vista do grupo positivista religioso, havia a família Torres Gonçalves – pai, os filhos. Era talvez a mais numerosa do grupo do Rio Grande do Sul. Isso é hoje uma remanescente.

C.C. - Em seu livro, Ivan Lins diz que o Clube Positivista foi o resultado da fusão de duas outras associações pequenas, o Boletim Positivista e a Sociedade Brasileira de Cultura Positivista.

T.C. - O Boletim Positivista era um grupo, uma parte desses rapazes que publicavam um boletim dando certas notícias, se reuniam e formavam o boletim, um informativo sobre acontecimentos políticos, acontecimentos sociais. Não era da Igreja. Essa Sociedade Brasileira de Cultura Positivista também foi uma coisa muito efêmera.

C.C. - Quem foram os fundadores do clube?

T.C. - O primeiro presidente do Clube foi um médico, Jéferson de Lemos. Era um psiquiatra do Hospício Nacional, positivista, fiel à teoria psiquiátrica de Augusto Comte. Homem de muito valor, publicou muita coisa sobre o positivismo e sobre medicina. Era o principal homem do Clube.

C.C. - No livro de Ivan Lins há também a informação de que em 1945, no Rio, Mário Barboza Carneiro fundou a Associação Brasileira dos Amigos de Augusto Comte.

T.C. - Justo. Foi meu pai exatamente, da qual também eu fui presidente. Foi uma associação fundada exatamente nessa época, em 1945, por um grupo de positivistas cujo objetivo era recolher auxílios para a Casa de Augusto Comte em Paris, para reedição de obras de Augusto Comte, para amparar essa associação. Formada por pessoas todas elas de primeira qualidade e de princípio, mas a maioria muito idosa já. Havia cento e tantos membros.

C.C. - Os membros da Igreja Positivista também participaram dessa Associação dos Amigos de Augusto Comte?

T.C. - Havia alguns. Eu tenho aqui a relação, mas praticamente todos morreram. Ela foi se extinguindo por *faute de combattantes*. Morreram. [risos] Está aqui: Boletim da Associação Brasileira dos Amigos de Augusto Comte, Mário Barbosa Carneiro. Foi uma publicação que fizemos quando meu pai morreu, um ano depois de ele ter fundado a associação. Fundador, Mário Barboza Carneiro; membros honorários, professor Rodolfo Paula Lopes – era um positivista, professor de biologia do Pedro II e homem de muito valor –, embaixador Luiz M. de Souza Dantas – grande diplomata, foi embaixador em Paris durante 20 anos –, almirante Américo David Silvato – positivista desde jovem, desde a República –, professor Joaquim da Silveira Santos – que fazia psiquiatria em São Paulo –, professor Agliberto Xavier – professor

aqui do Pedro II – e Augusto Araújo de Gonçalves, que foi zelador da Casa de Augusto Comte durante muitos anos. Esses todos morreram. Do Conselho: presidente Trajano, que sou eu; membros do Conselho: Rubem Descartes é vivo, depois temos um sobrinho de Benjamin Constant, o Venâncio Neiva, Jéferson de Lemos, o almirante Alfredo Colônia, Horácio Barboza Carneiro, João Francisco de Souza – que era um médico –, coronel do Exército Augusto de Araújo Dória, Ivan Monteiro de Barros Lins, Henrique Benoit, Carlos Vale Palhano de Jesus, [inaudível]. Desses aqui só dois são vivos: eu e o Carlos Palhano, que está muito doente e eu espero não estar muito doente, a gente nunca sabe. Mas enfim essa associação é que foi criada com esse objetivo.

C.C. - O senhor poderia falar mais sobre sua longa carreira no Barco do Brasil?

T.C. - Eu comecei minha carreira nas agências de Barretos, em São Paulo e em Niterói. Depois passei o resto da minha vida, até ir para Paris, trabalhando na direção geral do banco. Trabalhei no câmbio de 1930 a 1938, trabalhei com um dos mais ilustres diretores do banco, doutor Pedro Rocha, durante 12 anos, trabalhei com José Braz Pereira Soares e Luiz Simões Lopes. Foram diretores da Carteira de Exportação. Fui secretário da Comissão Consultiva de Intercâmbio Comercial com o Exterior, que fixava, na época, os critérios de exportação e de importação, o Luiz é que presidia como diretor da Carteira. Fui gerente de liquidações da Carteira Agrícola e Industrial. Fui diretor da Caixa de Previdência do Banco do Brasil, uma grande instituição previdenciária, maior banco do estado do Rio. Fui diretor executivo da Caixa de Assistência dos Funcionários do Banco do Brasil e depois um dos diretores da agência em Paris. Trabalhei quase sete anos em Paris, de 1971 a 1978. Aí me aposentei.

Fiz 50 anos de banco em Paris. Recebi grandes festas, grandes homenagens, um bonito relógio Patek Philip de ouro, com meu nome, almoços, inauguração de uma agência no dia em que eu completava 50 anos. Isso foi em maio. Em setembro surgiu uma lei de aposentadoria, em que ficariam prejudicados os funcionários do banco que não tivessem se aposentado até aquela época, que iriam tirar umas vantagens, como sempre se faz aqui. E realmente fizeram um decreto

e do Rio me aconselharam: “Peça a sua aposentadoria, senão você vai se prejudicar.” Em meia hora eu me aposentei.

C.C. - Sem essa lei o senhor teria continuado?

T.C. - O presidente do banco, que era o doutor Karlos Rischbiter, me disse: “Você não se preocupe, fique em Paris o tempo que você quiser”, quando eu fiz 50 anos. Porque não é muito comum a pessoa fazer 50 anos de trabalho. Depois o banco me convidou para fundar uma empresa de viagens de turismo, a BBTour, e eu ainda trabalhei mais dois anos com eles. Era então chefe da representação do gabinete do ministro da Indústria e do Comércio aqui no Rio. Trabalhei com os ministros Ângelo Calmon de Sá e Camilo Pena. Isso tudo me levou a trabalhar muito e eu gosto de trabalhar. Vou a Paris todo ano, passo lá três meses, trabalho muito. Faz bem à gente. Sobretudo gosto de trabalhar com jovens. Isso é muito importante. Mas aí se foram 56 anos sem que a gente se dê conta. O tempo é realmente uma voragem, não é? O tempo é muito subjetivo. O passado é de uma velocidade extraordinária, o futuro é de uma lentidão terrível, você fica inquieto porque o elevador custa a descer do décimo andar para o térreo enquanto você espera, ao mesmo tempo fica danado quando vê que um ano voa. Este ano começou ontem e já estamos praticamente no fim, não é?

C.C. - Que época do ano o senhor passa em Paris?

T.C. - Normalmente vou no outono, algumas vezes fui na primavera. Alguns anos eu tenho ido duas vezes, conforme as necessidades. O meu desejo era ir mais, pelo menos todo ano duas vezes. Este ano eu fui mais cedo, em maio, para a solenidade de entrega à Biblioteca Nacional, da correspondência de Augusto Comte, com a presença de umas 80 pessoas. Tenho umas fotografias, inclusive o embaixador do Brasil, o ex-embaixador da França no Brasil, Robert Richard, vários professores, quatro professores de universidades diferentes da Itália, um de Sassari na Sardenha, um de Milão, um de Torino e um de Pisa. Curioso, quatro professores universitários de lugares diferentes, todos muito simpáticos ao positivismo, e com obras escritas em torno do positivismo, em torno de Augusto Comte.

C.C. - Quando o senhor leu a relação de membros do conselho, se não me engano, mais de um era professor do Colégio Pedro II.

T.C. - Mais de um.

C.C. - E o senhor disse que estudou no Pedro II...

T.C. - Não. Eu fiz exames de fim de ano e o episódio que eu contei foi no exame final de história. No exame de geografia houve uma coisa engraçada, eu era muito gago – há uma palavra ou outra em que eu gaguejo agora, é uma coisa curiosa –, mas eu era muito gago quando menino e o ponto que me caiu foi o número três, e a minha maior dificuldade era dizer o “t” junto com o “r”. Então o Raja Gabaglia, que era o professor presidente da banca – eu tirei o ponto e saiu o número três – me perguntou: “Qual é o seu número? Qual é o seu ponto?” E eu engasguei no três, “tztztz”, não houve jeito de sair o três. Raja Gabaglia me fulminou, disse: “O senhor está com o seu ponto na mão e não sabe dizer qual é. Como é que vai fazer exame de geografia?” Era terrível. Mas era uma coisa doentia o grupo “tr”. Nosso telefone era 138, quando eu atendia era um martírio, um “tztztz”, não saía o três. De repente descobrem-se pequenas alavancas e as dificuldades vão sendo vencidas.

C.C. - O senhor foi reprovado no exame?

T.C.C - Não. Afinal, fiz o exame e passei. [risos] Mas ele deu essa bordoadada logo de saída para liquidar qualquer exame. [risos]

C.C. - Mas aí o senhor não cursou o Pedro II?

T.C. - Não, eu fiz o curso aqui no Colégio Resende, depois nos mudamos para Pernambuco uma temporada e eu terminei lá os meus estudos científicos e de inglês e francês.

C.C. - Havia preferência de Teixeira Mendes por algum colégio?

T.C. - Eles eram sobretudo contra os colégios oficiais, achavam que o governo não devia se meter em dar diploma. Isso criou muito problema também ao positivismo, porque não havia escolas particulares, as escolas de curso superior eram todas do governo – a Escola de Medicina, a Escola de Engenharia... –, e durante muito tempo não houve nenhuma. De modo que havia um radicalismo de não pertencer à escola oficial, porque a escola oficial é do governo e o governo não deve se meter em questões temporais. Aí muitas pessoas deixaram de fazer cursos superiores, outros furaram a coisa e depois ela foi se acabando. Mas criou muito trabalho.

O Pedro II teve um núcleo grande de professores positivistas. Agliberto Xavier foi de lá, o velho Paula Lopes foi de lá, e outros colégios também, o Lafayette, aquele da Tijuca, um colégio muito importante e o diretor era um positivista. Já acabou esse colégio. Mas o diretor era um positivista e o colégio formou muita gente. E também houve muita influência, através desses colégios sobretudo, de formação de rapazes com pensamento positivista. É através do ensino... Quando o almirante Morais me falou da propaganda positivista em Paris eu disse a ele: “Morais, não existe possibilidade de propaganda positivista em Paris. O positivismo para se firmar novamente tem que se fazer através do ensino, através das universidades, através dos homens de pensamento, dos homens que estudam, dos homens que pesquisam. Você vai cuidar do operário, mas não é o operário que hoje vai converter alguém ao positivismo.” Não, é a massa, esse negócio todo... De modo que isso prejudicou muito também. Afastava aqueles que podiam ser úteis, por uma falsa teoria. Uma falsa teoria, porque Augusto Comte nunca disse... Augusto Comte levou a vida inteira brigando porque queria ser professor da Escola Politécnica. E por questões políticas, porque desde a sua entrada para a Escola Politécnica, um ano depois houve um licenciamento por motivos políticos e ele foi licenciado. Depois, era muito lutador, criou sempre um ambiente de dificuldades com ele pessoalmente, nesse ponto de vista, mas viveu brigando a vida toda porque não lhe davam o cargo de professor. Ele foi repetidor e foi examinador. Viajava a França inteira, várias vezes, examinando os alunos da Escola Politécnica – os exames eram regionais naquele momento. Mas aqui inventaram essa história de que não se

podia ir para escola oficial, quando Augusto Comte lutou a vida inteira... E Laffite, que foi seu sucessor durante um período, conseguiu ser professor da Escola Politécnica, de uma cadeira que Augusto Comte sempre pleiteou e nunca conseguiu.

[FINAL DA FITA 2-B]

T.C. - O fato é que o nome de Augusto Comte, queira ou não se queira, está aí por toda parte. Sempre alguém fala: “Ah, você é positivista?” “Ah, você é presidente da Associação de Augusto Comte?” “Ah, no Brasil teve uma grande influência na República...” A coisa está no ar. Eu penso que o mundo carece realmente no momento de alguma doutrina que unifique o pensamento, que unifique os sentimentos, e que dê deveres a cada um de nós em relação aos que necessitam, aos que precisam, aos que estão aí sem poder resolver seus próprios problemas, neste meio atormentado em que vivemos todos, de violência, de...

C.C. - Em poucos anos será comemorado o bicentenário do nascimento de Comte.

T.C. - Justo. Eu já nessa reunião que tivemos no dia 24 de junho deste ano, lancei as primeiras bases para as comemorações, pela nossa associação, do bicentenário de nascimento de Comte, convocando alguns professores universitários que estavam conosco na reunião, a pensarem na elaboração de um programa para comemorar o bicentenário. Eu penso que devemos reeditar algumas obras de Augusto Comte que estão esgotadas. Os trabalhos da juventude, *travaux de jeunesse*, são todos muito importantes, são a semente de sua obra no conjunto. A *Filosofia* está esgotada. Nós publicamos, por iniciativa do Paulo e com o generoso apoio financeiro da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, oito volumes com a correspondência geral de Augusto Comte em ordem cronológica, até o quinto volume com uma introdução admirável do Paulo, situando a época em que aquela correspondência se desenvolveu. Augusto Comte intervinha em todos os acontecimentos, em todos os problemas políticos e sociais importantes. E publicar também alguma coisa do que se faz hoje em torno de Augusto Comte. Já lançando as sementes para festejarmos em Paris o bicentenário. E eu estou convencido de que... Na própria Sorbonne, este ano, houve uma tese de doutorado em torno de Augusto Comte. Acho que não é de

desesperançar, porque todo mundo sente necessidade de um poder espiritual capaz de unir – essas ligas das nações não são outra coisa senão uma tentativa de unir os povos, dentro de um mesmo pensamento, não é? O pensamento político é muito mais difícil de reunir do que um pensamento puramente espiritual, em que você congrega os homens pelas idéias, pelas vontades, pelos desejos, pelas capacidades de transmitir. Eu penso que não é desesperançado. E há um artigo do Paulo do Rio – ah, eu cito naquele trabalho, você deve ter visto – em que ele fala sobre as mulheres. “Todas as mulheres devem ser positivistas”. Porque Augusto Comte foi um grande... Toda obra dele religiosa se fez em torno de um grande amor frustrado, primeiro porque ela não o amava, embora fosse grande amiga dele, e segundo porque morreu no ano em que se conheceram. Clotilde de Vaux. A correspondência dos dois é muito bonita, vale a pena ler. Desde a primeira carta, que começa por um romance – não sei se leu, mas viu o filme talvez – *Tom Jones*⁴, de Fielding. A primeira carta de Augusto Comte foi mandando a ela o romance *Tom Jones* para que ela lesse. Daí desenvolveu-se toda essa correspondência, que foi, entre os dois, de 181 cartas. Muito bonitas todas.

C.C - Acho que já cansamos bastante o senhor por hoje, não é?

⁴ FIELDING, Henry. *Tom Jones*. Inglaterra, 1749.

T.C. - Não, não me cansaram. Eu apenas tenho receio de que tenha sido prolixo e que não tenha... Foi de surpresa isso tudo, eu não pude concatenar nada de especial. Eu é que agradeço a oportunidade de tomar o tempo de vocês. Mas pude dizer alguma coisa do que se passou, do que eu pude presenciar, do que eu pude acompanhar, com grande empenho, com grande interesse. A vida é muito cheia... Pois muito obrigado a vocês pelo trabalho e a atenção que me deram. E me desculpem se fui muito longo.

[FINAL DO DEPOIMENTO]